Editor: José Carlos Vieira (Cidades)
josecarlos.df@dabr.com.br
Tels. : 3214-1119/3214-1113
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

Soldado recém-formado da PMDF abriu fogo contra 16 ocupantes de uma van, na quadra 302, após a comemoração do próprio aniversário. Alessandra Oliveira, 26 anos, morreu no local e quatro pessoas ficaram feridas, entre elas outro policial militar

Comemoração termina em tragédia na Asa Sul

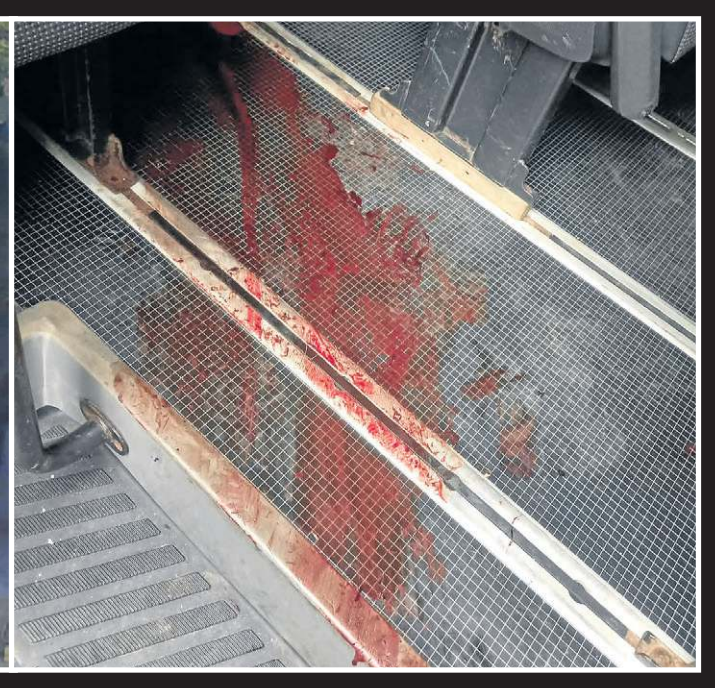
» EDUARDO FERNANDES
» GIOVANNA KUNZ

Carlos Vieira/CB/D.A Press





Bruno Cardoso, 27, foi preso pela Polícia Militar, ainda de madrugada, no Parque da Cidade



Na van alugada para a comemoração, havia 16 pessoas. Motorista parou no posto para calibrar o pneu. Militar descarregou a arma no veículo onde os amigos estavam

Material cedido ao Correio

Reprodução de redes sociais



Alessandra Oliveira, 26, era amiga da esposa do atirador e morreu com um tiro na cabeça

Moradores da quadra residencial acordaram durante a madrugada com os gritos e os tiros. A Polícia Militar isolou o local do crime para a perícia

Uma noite que deveria ser de festa e celebração terminou com um rastro de sangue, violência e desespero no coração do Plano Piloto. Na madrugada de ontem, uma viagem de retorno para casa entre amigos transformou-se em um cenário de horror na 302 Sul. Por volta das 3h40, um soldado recém-formado da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) efetuou disparos de arma de fogo dentro de uma van alugada que transportava 16 pessoas. A jovem Alessandra Oliveira, de 26 anos, morreu no local e o policial militar Daniel Aquino, 24, segue internado em estado gravíssimo no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).

O autor dos disparos é Bruno Cardoso dos Passos, 27, soldado de segunda classe lotado no 17º Batalhão de Polícia Militar (Ceilândia). No ataque, ele também feriu a própria esposa, com um tiro de raspão, e outros dois ocupantes do veículo. O militar comemorava o aniversário com os amigos na noite anterior. Ele ingressou na corporação há pouco mais de 40 dias, após concluir o último curso de praças. Após a sequência de tiros, ele fugiu a pé em direção ao Parque da Cidade, onde foi localizado e preso em flagrante, pela própria PMDF, poucas horas depois.

Segundo informações apuradas pelo **Correio**, o grupo teria contratado uma van para transportar os convidados a um bar na Asa Sul, e depois levá-los de volta às respectivas casas. Antes da chegada do veículo, a esposa de Bruno, Caroline Martin de Oliveira, teria se incomodado com o fato de o policial ter aberto a porta de um carro de aplicativo para algumas mulheres que estavam no estabelecimento. Ao conversar com o marido, ela demonstrou irritação e jogou no rosto dele a água que bebia. O militar teria ficado bastante alterado, mas não reagiu naquele momento.

Dentro da van, Alessandra, amiga de Caroline, teria feito um comentário que desagradou ao soldado. Bruno passou a ameaçá-la, dizendo que iria matá-la. Conforme a apuração, ele também ameaçou a própria esposa, afirmando que iria atirar contra ela. Após a discussão, o policial teria cochilado e, ao acordar, passou a dizer que os demais passageiros estariam falando dele e a ameaçar os ocupantes do veículo.

Durante o trajeto de volta para casa, o pneu da van alugada pelo grupo apresentou um problema técnico. O motorista encostou em um posto de combustíveis da 302 Sul para realizar a calibragem. Nesse momento, o militar sacou a arma da corporação e passou a atirar contra os próprios convidados. Teriam sido feitos 15 disparos. Alessandra foi atingida na cabeça e morreu no local.

A reportagem apurou que alguns passageiros desembarcaram durante a parada. Bruno começou a atirar ainda dentro da van e, depois, desceu e continuou disparando contra o veículo até esvaziar a munição da arma.

O PM Daniel Aquino, que se formou na mesma turma de Bruno, foi atingido na cabeça e no tórax. A esposa do atirador levou um tiro de raspão na cabeça, enquanto outro ocupante do veículo, identificado como Yuri, sofreu três perfurações: duas na região do abdômen e uma no braço. Uma quinta vítima também foi ferida, mas somente de raspão. Inicialmente chegou-se a contabilizar uma sexta vítima, contudo a perícia constatou que o projétil atingiu apenas o calçado do passageiro.

Em coletiva concedida na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), na manhã de ontem, a porta-voz da PMDF, major Talita Soares, externou o forte abalo da instituição diante dos acontecimentos e confirmou que a Corregedoria acompanha os desdobramentos da investigação e a instauração do Inquérito Policial Militar (IPM).

"É um episódio extremamente lamentável e que gerou um sentimento de indignação em toda a nossa corporação. Bruno é jovem, não tem nenhum registro anterior que desabonasse a conduta dele. É de família religiosa, foi algo que pegou a todos de surpresa", declarou a major Talita. A oficial lembrou que todo policial militar de folga detém o direito de portar a sua arma de fogo, mas salientou a exigência de "respeitar os protocolos rigorosos em relação à responsabilidade institucional".

Consternação

No Hospital de Base, o clima entre os praças e oficiais era de consternação e apreensão quanto ao quadro de saúde do soldado Daniel Aquino. Submetido a uma cirurgia de emergência, o estado clínico do jovem gerava profunda comoção entre seus pares. O comandante do 17º BPM, tenente-coronel Renato Moreira, acompanhou de perto os procedimentos médicos e relatou o alívio temporário repassado pela equipe de cirurgiões quanto à preservação neurológica do militar.

"O cirurgião me falou que não há risco de lesão cerebral, porque o tiro passou a 'limpo'. Ele vai ficar em observação no Hospital de Base, que é referência em Brasília. Depois queremos levá-lo para o hospital conveniado da Polícia Militar. Daniel é recém-chegado à corporação, há pouco mais de 40 dias. É um bom menino, todo mundo gosta dele. Estamos muito abalados", desabafou Moreira.

Colegas da turma de formação que acompanhavam a evolução do quadro no HBDF reiteraram a índole pacífica de Daniel e a perplexidade com o ocorrido. "Trabalhamos todos juntos, mal conseguimos falar sobre isso. É muito complicado", lamentou um dos militares presentes.

Em nota, o Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal (Iges-DF) confirmou a admissão das vítimas no HBDF na madrugada de domingo e esclareceu que, em observância à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), não detalharia os prontuários clínicos dos pacientes.

Pânico

O barulho dos projéteis rompeu o silêncio da madrugada na Asa Sul e provocou correria entre funcionários noturnos e moradores dos blocos residenciais da SQS 302 e quadras vizinhas. Testemunhas relataram um cenário caótico, com passageiros da van buscando abrigo embaixo dos prédios da região. Um porteiro de plantão na quadra, que preferiu não se identificar, detalhou os momentos de desespero.

"Teve gente correndo para debaixo do prédio. Começaram a gritar, uma muvuca de pessoas gritando. Os crimes estão cada vez mais frequentes. A polícia demorou a chegar, só chegou uns 40 minutos após o ocorrido. Está tendo muita violência. Fico no plantão da noite e têm vários acontecimentos", relatou.

A apreensão estendeu-se até a SQS 102. A prefeita comunitária da quadra, Patrícia Carvalho, acordou com o barulho da confusão e com o som de aproximadamente sete disparos consecutivos. "Os moradores dos blocos A, B e E ficaram muito assustados. Muitos já não conseguiram voltar a dormir. Foi uma tragédia. Poderia ter acontecido em qualquer outro trecho do trajeto, mas aconteceu aqui, ao lado dos nossos prédios", afirmou a líder comunitária.

Patrícia questionou os critérios de avaliação e o equilíbrio emocional de profissionais das forças de segurança pública autorizados a transitar armados em ambiente urbano. "Na minha avaliação, a conduta do policial militar foi de uma enorme irresponsabilidade e levanta uma questão séria sobre o preparo emocional de quem porta uma arma. Os apartamentos ficam muito próximos. Acordar de madrugada com gritos e tiros tão perto de casa aumenta esse medo. Esperamos que o caso seja apurado com rigor e que haja rondas mais frequentes nas quadras, principalmente à noite", cobrou a prefeita.

O caso foi registrado na Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), que conduz os inquéritos criminais para esclarecer a motivação do crime. Em nota oficial, emitida ainda no domingo, a PMDF reforçou que prestará integral suporte aos familiares da jovem assassinada e dos feridos, reiterando que não tolera desvios de conduta e aplicará com rigor todas as sanções administrativas e disciplinares aplicáveis.

Em nota, a governadora do Distrito Federal, Celina Leão, se manifestou sobre o caso em suas redes sociais. De acordo com ela, os crimes cometidos pelo soldado são inaceitáveis e não ficarão impunes. "A PM agiu rapidamente e prendeu o autor dos crimes, ainda de madrugada. Já determinei a apuração rigorosa do caso e repúdio à atitude do militar feminicida, que não tem o padrão de comportamento de nossa Polícia Militar. Minha solidariedade às famílias e amigos de todas as vítimas dessa barbárie, que não ficará impune", finalizou a governadora.

Também em nota, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) repudiou os crimes cometidos pelo policial militar e criticou o porte de arma em ambiente comemorativo. Disse, ainda, que irá solicitar apoio jurídico e psicológico aos familiares de Alessandra Oliveira O texto, assinado pelo deputado distrital e presidente da Comissão, Fábio Felix (Psol), reforça a necessidade de proibir o porte de arma em situações de lazer e consumo de álcool. "E que se estabeleçam regras próprias de porte para soldados recém-ingressos, em período probatório", destacou.

Três perguntas para

ANA IZABEL GONÇALVES DE ALENCAR, especialista em Segurança Pública, advogada de direitos humanos, da mulher e de família e ex-presidente da Comissão de Segurança Pública da OAB/DF.

O que esse caso mostra em relação à segurança pública e à proteção aos moradores?

Posso afirmar, com base no meu conhecimento sobre a corporação, que se trata de um caso pontual. Ele não representa a Polícia Militar do Distrito Federal, que é uma instituição séria, organizada e muito responsável. Até então, ocorrências dessa natureza não haviam acontecido no Distrito Federal.

Em relação à segurança pública, não houve alteração no trabalho rotineiro da PMDF ou das demais forças atuantes na capital, como a Polícia Civil, a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal. O episódio ocorreu no interior de uma van na quadra 302 Sul e não atingiu pessoas do lado de fora. Embora os moradores da região fiquem apreensivos, a PMDF certamente atuará para elucidar todos os detalhes do crime, prestando os devidos esclarecimentos à população e preservando sua reputação institucional.

Quais as regras para policiais militares portarem arma de fogo fora de serviço?

O artigo 6º da Lei nº 10.826/2003 autoriza o porte de arma aos integrantes das forças de segurança, inclusive fora de escala. Contudo, fora de serviço e à paisana, o militar deve respeitar as normas de segurança estabelecidas pelos locais em que ingressa, sejam eles particulares sejam públicos. Espaços como escolas, casas noturnas e determinados estabelecimentos privados possuem restrições à entrada de pessoas armadas. Nesses casos, o policial deve se identificar e verificar se a administração do local autoriza sua permanência com o armamento.

Além disso, é terminantemente proibido o porte de arma caso o militar esteja alcoolizado ou sob efeito de substâncias psicoativas. O agente deve portar o armamento somente em pleno estado de lucidez, sendo vedado o consumo de bebidas alcoólicas enquanto armado, seja a serviço seja de folga.

Como a senhora avalia a preparação emocional e técnica dos policiais militares do DF, desde a formação até quando estão já no exercício das funções?

Considero a preparação boa. A corporação tem demonstrado um cuidado crescente com o acompanhamento emocional e técnico do efetivo, sobretudo nos últimos dois a três anos. Quando presidi a Comissão de Segurança Pública da OAB-DF, cheguei a encaminhar uma nota solicitando maior atenção à saúde mental dos agentes, que por vezes relutam em expor dificuldades devido às exigências da carreira.

O caso concreto não reflete a postura institucional da corporação. Tratava-se de um policial jovem, recém-saído da academia e com pouca vivência prática, que se encontrava desarmado da função pública, alcoolizado e agiu com total descontrole emocional após um desentendimento. A Polícia Militar do Distrito Federal não é conivente com desvios de conduta, exige comportamento exemplar dentro e fora de serviço e trata ações criminosas cometidas por seus integrantes com rigor.

